

# A FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES E EDUCADORES DA UNIVERSIDADE DA MADEIRA: REFLETINDO SOBRE A EDUCAÇÃO ARTÍSTICA

**Valdemar Sousa<sup>1</sup>; Ana França Kot-Kotecki<sup>2</sup> & Natalina Cristóvão<sup>3</sup>**

<sup>1</sup>Centro de Investigação em Educação - UMa, Portugal. [valdemar.sousa@staff.uma.pt](mailto:valdemar.sousa@staff.uma.pt)

<sup>2</sup>Centro de Investigação em Educação - UMa, Portugal. [anak@staff.uma.pt](mailto:anak@staff.uma.pt)

<sup>3</sup>Centro de Investigação em Educação - UMa, Portugal. [mcsantos@staff.uma.pt](mailto:mcsantos@staff.uma.pt)

## Introdução

Os desafios que hoje se colocam à Educação, exigem um olhar atento por quem, de alguma forma, está envolvido no processo educativo. Sendo este processo uma tarefa transversal, a formação de profissionais da educação capazes de oferecer aos educandos espaços promotores do desenvolvimento criativo e atentos aos cânones que perpassam várias dimensões da humanidade, é capital.

A filósofa da Educação Karin Murris escreve, no seu livro “Karen Barad as Educator: Agential Realism and Education” (2022), que é necessário “agitar as águas” (tradução nossa do termo “troubling”) de várias ideias: de ser humano, de educação, da interrelação entre ambos, entre outras. No nosso percurso de aprender a ser humanos, necessitamos redescrever as nossas crenças e conhecimentos, por forma a aprimorarmos quem somos, o que fazemos e como nos relacionamos no nosso mundo. Estando este assolado de múltiplas crises, como podemos nos encontrar, e aos outros, enquanto pessoas e enquanto docentes de áreas artísticas? Murris (2022) responde: através da investigação e da reflexão.

Neste discorrer de ideias, é nosso propósito partilhar uma reflexão acerca da prática da Educação Artística (EA), em contexto de formação educadores de infância e professores de 1.º Ciclo do Ensino Básico, da Universidade da Madeira, baseada numa série de entrevistas semiestruturadas, realizadas com

onze participantes, atuais e antigos estudantes do curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico (MEPEE1CEB).

## Enquadramento

Muito se tem escrito e investigado sobre o papel das artes não só em várias dimensões da formação do indivíduo, mas também no seu papel cultural e social (Esteireiro, 2014; Green, 2008; Melo, 2005; Oliveira, 2017; Read, 2010). Conforme refere John Dewey, pedagogo e filósofo norte-americano que teve um enorme papel no movimento da renovação da educação em vários países do mundo, afirmou: “a arte é a mais universal das formas de linguagem por ser composta (...) pelas qualidades comuns do mundo público, ela é a mais universal e mais livre da forma de comunicação” (Dewey, 2010, pp. 466-467). Aliás, hoje mais do que nunca, atestamos que as habilidades, os valores e os comportamentos promovidos pela educação artística são fundamentais. Esses saberes — criatividade, colaboração e resolução criativa de problemas — desenvolvem resiliência, alimentam a apreciação da diversidade cultural e da liberdade de expressão, cultivando também a inovação e as habilidades de pensamento crítico e criativo. À medida que os estudantes adquirem novas habilidades e encontram consolo por meio do apoio psicossocial oferecido pelas artes e pelas formas de expressão, a educação artística também tem o potencial de prepará-los para os desafios da vida (UNESCO, 2020). No dizer de Rorty, “[as] questões acerca do modo de dar sentido à vida de cada um ou à da comunidade de cada um — são questões *para a arte* ou para a política, ou para ambas (...)” (1995, p. 23); é através da arte que conseguimos compreender e desafiar as conceções estabelecidas e oferecer novas perspetivas. E, em todo este processo, o papel da Educação é de extrema relevância, considerando que é um espaço pelo qual passam praticamente todos os indivíduos.

A reflexão das questões da EA integra a agenda da UNESCO. Em 2006, resultado da Conferência Mundial que ocorreu em Lisboa, foi definido um roteiro para a Educação Artística (UNESCO, 2006; 2020) que sugere

“Aprender as Artes e Aprender por meio das Artes”. Atualmente, estas diretrizes estão a ser atualizadas para se enquadrarem com a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, das Nações Unidas. Neste âmbito, Fernández-Cao (2023), apresenta uma síntese sobre as funções da arte na educação: a EA contribui para que os estudantes definam uma orientação moral e construam significados para as suas vidas; a arte é um modo de conhecimento que envolve o corpo, os diferentes sentidos — a capacidade visual, espacial, proprioceptiva e sonora; o processo criativo permite a expressão organizada dos impulsos internos, base de uma educação em bem-estar psicossocial; a arte renova o espaço para o jogo e a experimentação, permitindo a tentativa e erro, o trabalho com a frustração, a perseverança e o planeamento; o processo criativo ajuda-nos a criar uma história, a atribuir sentido; a arte apela para a liberdade e a responsabilidade de se construir. Coloca em jogo a responsabilidade pessoal na opção estética, implica compromisso com o processo e o objeto final, e coloca em jogo a crítica construtiva e a autocrítica; a arte agrega a sensibilidade estética; a arte faz-nos sentirmos parte de uma dada comunidade sem perder a nossa singularidade; a arte oferece uma visão alternativa de outras possibilidades vitais, estimulando uma imaginação que desenvolve a capacidade de lidar com crises pessoais e sociais.

Nós professores de EA, reconhecemos todas estas dimensões da arte na educação, todavia, segundo Oliveira, com a chegada do século XXI

as concepções de arte, sustentadas pela pós-modernidade, provocaram grandes mudanças no contexto cultural e abriram um espaço de questionamento que implica um conhecimento sempre renovado, quer na dimensão conceitual, quer na dimensão formal, sobre o ensino da arte dando origem a novas formas de pensar e de produzir a obra artística. E estas mudanças, (...) pressupõem alterações na formação inicial dos professores. (2017, p. 20)

No dizer da autora, repensar a formação artística dos futuros professores é ponderar nos novos desafios e novas exigências, equacionando-se valores e práticas em vigor.

De facto, a arte que se produz caracteriza-se, em larga medida, pela experimentação, abertura à diferença, à multiplicidade de meios e processos criativos e liberdade de experimentações quando é trabalhada em contexto educativo não só como conteúdo, mas também como pensamento e princípio. Nesta linha de pensamento, “acrescentará à formação dos estudantes, futuros professores, uma oportunidade de questionamentos, de novos pensamentos e visões que certamente promoverá interpretações, questões e realizações diferenciadas por parte dos estudantes” (Menezes, 2005, p. 188).

Face a este entendimento, é importante considerar um outro olhar acerca da formação de professores, no que respeita à EA. Não obstante, não se tem verificado grandes abordagens a esta discussão nos meios académicos. Para Oliveira, “precisamos repensar as práticas educativas e perceber que perfil académico do futuro professor de Educação Básica na área artística se quer formar e qual o currículo propício para a formação desses indivíduos” (2017, p. 20).

Num estudo realizado pela autora, no qual pretendia compreender o entendimento de uma amostra de 40 professores de vários países sobre o valor educativo e a forma de operacionalizar a arte contemporânea na formação inicial de professores, 85% defendia “que os estudantes estão a construir conhecimento mediante um processo de reflexão sobre a ação” (Oliveira, 2017, p. 26), ou seja, o conhecimento científico emerge da prática, não da prática por si só mas de todo o processo de reflexão e análise que envolve essa mesma prática. Assim, “o professor deve ser capaz de propor situações – problemas que favoreçam as aprendizagens (...), ofereçam desafios que estando ao alcance dos estudantes, levem cada um a progredir nas suas aprendizagens” (Roldão, 2008, p. 85), ou seja, perante o problema, os estudantes analisam, refletem, interrelacionam a sua história e (re)significam as suas descobertas.

## Unidades Curriculares de Educação Artística na formação inicial de professores

No âmbito da formação inicial de professores e educadores, o Departamento de Ciências de Educação da Universidade da Madeira oferece como formação aos futuros profissionais de educação, uma Licenciatura em Educação Básica e um Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. As Unidades Curriculares (UC) que dão corpo à Educação Artística estão referidas no quadro 1.

| Licenciatura em Educação Básica                                                                                                                                                                                                                                                                                          | Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico                                                                                                                                                                                                                                             |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>Expressão Dramática</p> <p>Expressão Plástica</p> <p>Expressão Musical</p> <p>Seminário Interdisciplinar das Expressões</p> <p>Didática Específica das Expressões</p> <p>Fonte:<br/> <a href="https://www.dges.gov.pt/simges/public/www/cursos/15958">https://www.dges.gov.pt/simges/public/www/cursos/15958</a> </p> | <p>Didática das Expressões I<br/>(Expressão Dramática e Expressão Plástica)</p> <p>Didática das Expressões II<br/>(Expressão Musical e Expressão Físico-Motora)</p> <p>Fonte:<br/> <a href="https://www.dges.gov.pt/simges/public/www/cursos/16118">https://www.dges.gov.pt/simges/public/www/cursos/16118</a> </p> |

**Figura 2 - Unidades curriculares de EA dos Planos Curriculares de LEB e MEPEE1CEB**

Estas UC pretendem desenvolver nas estudantes competências culturais, artísticas e pedagógicas, mediante trajetórias interdisciplinares, por forma a proporcionar a construção de um conhecimento contextualizado e integrado. Desta forma, desencadeamos atividades em parceria com a comunidade, em contextos formais e não-formais, onde os estudantes interagem com ambientes artísticos e culturais, nomeadamente, centros e associações culturais, teatros, museus, exposições e espetáculos, entre outros. Esta interação desencadeia processos pedagógicos *in loco*, potenciando uma

análise e reflexão posterior, na relação do indivíduo com a arte, educação e cidadania.

## **Aspetos metodológicos**

Os dados deste estudo qualitativo foram recolhidos mediante entrevistas semiestruturadas (Bogdan & Biklen, 1994) a onze sujeitos, dos quais sete participantes têm entre 0 e 5 anos de experiência profissional no 1.º Ciclo do Ensino Básico ou em Educação de Infância, e quatro participantes ainda estão a concluir o curso de MEPEE1CEB da Universidade da Madeira. Dez dos participantes são do género feminino e um do género masculino, estando as suas idades compreendidas entre os 22 e os 31 anos de idade.

Esta amostragem foi definida pelo critério de conveniência: foram ou eram, à data, todos estudantes do curso de MEPEE1CEB da Universidade da Madeira. Ao longo do processo de investigação, foi garantido o respeito pelas boas práticas no campo da investigação científica a nível internacional, e pelo Código de Ética da Universidade da Madeira, assegurando-se a confidencialidade dos dados, o consentimento informado, o assentimento dos participantes e a utilização dos dados recolhidos exclusivamente para fins desta investigação.

As respostas recolhidas foram objeto de uma análise de conteúdo categorial (Bardin, 1997), tendo-se optado por realizar uma categorização baseada num procedimento aberto, onde as categorias emergem do material em análise — as transcrições das entrevistas semiestruturadas. A natureza do estudo exigia que se procurasse entender os sentidos que os sujeitos constroem sobre a temática da EA, pelo que definimos usar a unidade de registo temática, onde a mensagem do participante é central, independentemente do número de palavras (Esteves, 2013).

## Questões e análise de dados

A partir das quatro questões das entrevistas semiestruturadas, nomeadamente, “Como descreve a sua formação inicial (o seu percurso académico na UMa) da área da EA?”, “Considera que as Unidades Curriculares de EA do seu percurso académico foram proporcionais à sua formação pedagógica, no geral?”, “Com que frequência implementa ferramentas de EA na sua prática pedagógica (por favor, dê exemplos)?”, “Perante a sua experiência, que sugestões de alteração/melhoria sugere (no âmbito da formação inicial, da formação contínua, da sua prática pedagógica atual)?”, resultaram três categorias de análise: *Entendimentos sobre a formação inicial na área da EA*; *Formas de implementação de ferramentas de EA na prática pedagógica*; *Sugestões de alteração/reorganização da formação inicial e contínua de professores e educadores*.

Mediante seis indicadores da primeira categoria, *Entendimentos sobre a formação inicial na área das Expressões Artísticas*, verificou-se que os participantes valorizaram, especialmente, a utilidade da EA para a prática letiva, tanto em contexto de prática pedagógica em estágio, quanto em prática profissional (num total de 17 unidades de registo). De acordo com a participante 7, a EA “permitiu desenvolver conceitos, ideias e imaginação que foram implementados ao longo do meu estágio”; seguindo esta linha de pensamento, a participante 4 destacou que as aprendizagens desencadeadas “foram significantes e que nos deram alguma visão sobre o que podemos utilizar nas nossas práticas e sair da nossa área de conforto”. Já em contexto de trabalho, a participante 8 reconheceu que “estas aulas permitiram, efetivamente, que eu ganhasse uma real noção do contexto profissional”.

Ainda sobre esta categoria, os participantes destacaram várias estratégias das aulas de EA (num total de 12 unidades de registo), que se distinguiam das “outras Unidades Curriculares que eram abordadas de forma mais ‘tradicional’” (participante 5): o facto de “nós, estudantes, sermos o centro de muitas das atividades desenvolvidas nas aulas e nas visitas de estudo” ou de “as aulas destas UC eram sempre entusiasmantes, principalmente porque eram, na sua maioria, aulas práticas e dinâmicas” (participante 8). Além deste

ambiente positivo, onde se trabalhava em “liberdade de expressão, a criatividade e imaginação, a comunicação” (participante 5), os participantes destacaram a ligação à realidade que viriam a experimentar nas escolas onde trabalhariam, como explica a participante 1: “ao ter experienciado em contexto de formação esta dinâmica da preparação da festa de Natal sinto-me preparada para esta tarefa em contexto profissional”.

Por fim, referindo-se à adequação do espaço curricular dedicado à EA no plano de curso do MEPEE1CEB, os participantes apresentaram duas posições opostas: metade dos participantes considerou que a sua formação inicial no âmbito foi proporcional (em 9 unidades de registo), comparativamente às outras UC do plano de estudos do curso, até porque “o que molda verdadeiramente a identidade profissional de um professor/educador é a prática e a experiência que se adquire com o tempo, pelo que não creio que o aumento da carga horária das UC de EA fosse ser benéfica” (participante 8). Outra metade indicou que deveria ser dado mais tempo curricular para as áreas artísticas, por forma a conferir-lhes maior ênfase, isto porque “a Universidade mantém uma maior prioridade em relação a disciplinas como a Matemática e Ciências e a prática, negligenciando, assim, a importância da transversalidade das Expressões Artísticas na educação” (participante 10).

Quanto à categoria *Formas de implementação de ferramentas de EA na prática letiva*, procurámos entender como usam os participantes a EA na sua prática pedagógica em estágio e enquanto profissionais. Nos seus discursos foram claras as diferenças entre as práticas pedagógicas desenvolvidas na Educação de Infância e as desenvolvidas no 1.º Ciclo do Ensino Básico, verificando-se maior incidência da EA no caso das primeiras e um uso mais pontual no caso das segundas. Na voz da participante 5, “hoje, como educadora, são vários os momentos de ‘jogo de faz de conta’, música, dança e expressão plástica que são criados todas as semanas para as crianças terem a oportunidade de aprenderem através das expressões”. Neste intuito, codificámos 22 unidades de registo relativas a esta aplicação de estratégias de EA nas práticas dos participantes. Também se verificou que os participantes



— tanto em contexto de estágio como em contexto de prática profissional — recorrem a elementos de EA associados a temas, em função de aprendizagens escolares, conforme indica o discurso da participante 6, quando refere que

relativamente à Expressão Musical, sempre que possível interligo e trabalho uma música/canção com o tema a ser abordado (...). As Artes Visuais são implementadas com mais frequência quando leciono temáticas da área do Estudo do Meio e também nos dias festivos (festividades, dias nacionais, internacionais, etc.). (...) A Expressão Dramática é implementada principalmente na leitura de textos com diálogos.

Destacamos, ainda, 3 participantes que salientaram a articulação de conhecimentos e práticas de EA em projetos com as crianças (em 3 unidades de registo), como a participante 1: “no projeto de Natal que estou a desenvolver na Creche onde leciono, nomeadamente, a organização da festa (cenário, adereços, roupas, Auto de Natal, etc.), das prendas, dos trabalhos realizados pelas crianças, entre outros”.

No que concerne à terceira categoria, *Sugestões de alteração/reorganização da formação inicial e contínua de professores e educadores*, codificaram-se 17 unidades de registo, distribuídas em 4 indicadores, que sugerem mudanças às dinâmicas pedagógicas do curso: potenciar uma formação mais interdisciplinar aos estudantes; abordar assuntos emergentes aquando o desenvolvimento das UC de Prática Pedagógica; aprimorar as estratégias e a articulação entre docentes que trabalham em interdisciplinaridade. De forma geral, os participantes apelaram a uma maior implicação dos docentes do curso nos processos interdisciplinares que têm grande impacto no desenvolvimento da prática pedagógica, conforme ficou patente em expressões como “por vezes sentimos necessidade de maior articulação entre os professores” (participante 5) e no pedido por “mais demonstrações de como podemos interligar com as restantes disciplinas do currículo, pois merecem ser devidamente valorizadas e demonstradas para que consigamos utilizar no nosso futuro”(participante 9).

## Nota conclusiva

Foi nosso propósito partilhar uma reflexão acerca da prática da Educação Artística (EA), em contexto de formação educadores de infância e professores de 1.º Ciclo do Ensino Básico, da Universidade da Madeira. Os resultados da análise de conteúdo, interpretados mediante o aporte teórico que expusemos na primeira parte deste texto, comprovam a centralidade e importância da EA na sua formação, enquanto profissionais de educação, pessoas e cidadãos — uma orientação da construção do seu rumo, onde a arte age como forma de auto e heteroconhecimento, de construção de sentidos do que existe dentro e fora de si mesmos. Tal se tornou evidente, especialmente, quando os participantes expuseram que nas Unidades Curriculares (UC) de EA se sentiram no centro das aprendizagens, no meio de um clima de aprendizagem positivo, de criatividade e comunicação, onde foram capazes de “sair da sua zona de conforto”. Assumimos que este espírito é transmitido às crianças e jovens com quem os participantes trabalham.

Porém, persiste um sentimento de desvalorização da EA no quotidiano pedagógico dos respondentes. Como os mesmos apontaram, há alguma complexidade na articulação curricular e implementação das ferramentas da EA, tanto nos contextos da formação inicial de professores, como na sua prática profissional, especialmente no 1.º Ciclo do Ensino Básico. Estes dados levam-nos a refletir sobre a necessidade de a Universidade trabalhar em maior proximidade junto dos núcleos de estágio/instituições educativas, procurando aprimorar o diálogo entre os docentes responsáveis pelas UC da EA e orientadores das Práticas Pedagógicas, em contexto de formação. Em simultâneo, desenha-se a necessidade de aperfeiçoar a cultura de práticas interdisciplinares no seio do contexto universitário, criando espaço para conferir visibilidade à EA na formação de educadores e professores, destacando a sua importância no desenvolvimento curricular. Esta preocupação com a interdisciplinaridade é necessária, pois estamos conscientes que para a mudança na formação de professores, é urgente criar espaços de ligação entre as diferentes disciplinas e áreas científicas, proporcionando aos futuros profissionais em educação experiências

promotoras de aprendizagem significativa, com sentido e visibilidade acadêmica.

A compreensão das vozes dos nossos estudantes, através de processos de investigação, torna-se relevante para o trabalho a desenvolver no âmbito da EA. Enquanto docentes responsáveis pelas UC das Expressões, contribuímos para a criação de dinâmicas pedagógicas, em ambientes formais e não formais de aprendizagem, que consciencializem os estudantes de opressões socioculturais e proporcionem a construção de conhecimento, trajetórias de pensamento crítico e criativo, consideradas componentes imprescindíveis para o desempenho da profissão docente. Pois, como diz Lopes (2011) "urgente é, também, formar pessoas que possam com os outros e com a Arte, transformar escolas em espaços de vida e de alegria e, de preferência, com poucas cadeiras" (p. 405). As transformações pessoais e profissionais dos nossos estudantes, ocorridas em ambientes de Educação pela Arte — música, dança, teatro, e plástica —, ganham maior impacto na interação com as crianças, colegas e outros intervenientes da comunidade educativa.

## Referências

- Bardin, L. (1997). *Análise de Conteúdo*. Edições 70.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. (M. Alvarez, S. Santos, & T. Baptista, Trans.) Porto Editora.
- Dewey, J. (2010). *Arte como experiência*.: Martins Fontes.
- Esteireiro, P. (2014). Problemas Centrais da Educação Artística: Reflexões sobre a Atualidade e Desafios para o Futuro. *Revista Portuguesa de Educação Artística*, 4(1), 95-105. doi:<https://doi.org/10.34639/rpea.v4i1.49>
- Esteves, M. (2013). Análise de Conteúdo: Contributos para a elaboração de dissertações e teses. Em J. P. Lima, *Fazer investigação* (pp. 105-126). Porto Editora.
- Fernández-Cao, M. (2023). Introdução: Por que a Arte? Que criatividade? Para que o Ensino de Arte? Em L. Jiménez, G. Carbó, M. Fernández-Cao, P. Moraes, & I. Aláez, *A educação artística dá um passo à frente* (pp. 6-17). Organização de Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura.

- Green, L. (2008). *Music on Deaf Ears: Musical Meaning, Ideology, Education*. Arima Publishing.
- Lima, J. (2013). Por uma Análise de Conteúdo Mais Fiável. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 47(1), 7-29.
- Lopes, M. (2011). *O Saber Dramático: a construção e a Reflexão*. Fundação Calouste Gulbenkian/FCT.
- Melo, M. (2005). A Expressão Dramática — à procura de percursos. Livros Horizonte.
- Murris, K. (2022). *Karen Barad as Educator: Agential Realism and Education*. Springer Nature.
- Oliveira, M. (2017). (Re)pensar a Educação Artística na Formação Inicial dos Futuros Professores. *Revista Portuguesa de Educação Artística*, 7(1), 19-32.
- Read, H. (2010). *Educação pela arte*. Edições 70.
- Rorty, R. (1995). *Contingência, Ironia e Solidariedade*. Editorial Presença.
- UNESCO. (2006). Roteiro para a Educação Artística - Desenvolver as Capacidades Criativas para o Século XXI. Comissão Nacional da UNESCO.
- UNESCO. (2020). *Educação artística para a resiliência e a criatividade*. .unesco.org. [https://pt.unesco.org/sites/default/files/2020\\_art-week-technote\\_por\\_final.pdf](https://pt.unesco.org/sites/default/files/2020_art-week-technote_por_final.pdf)